Num. 1336 Tavira, 1 de março de 1908 Anno 25.º

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO «JORNAL DE ANNUNCIOS»

Redacção, administração, composição e impressão
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

O CARNAVAL NA ANTIGUIDADE

O Carnaval moderno, mesmo quando elle se celebra com o esplendor de Nice, é apenas uma pallida imagem do que foi nos seculos remotos e de que as velhas chronicas da Roma papal fallam com brilho relumbrante. Porque foi, sobretudo, na Italia que as folias carnavalescas attingiram uma grandeza, uma pompa, uma solemne magestade inegualaveis.

A Italia é, em verdade, a patria do Carnaval. Em nenhum outro paiz elle se rodeou de tanto luxo, de tanta grandeza e de tão dourada opulencia. O Carnaval de Roma e de Veneza encheram todo o Universo com a riqueza phantasmagorica das suas exhibições, e tornaram-se celebres desde os mais remotos tempos do catholocismo. Tal imperio exerciam e tal era o seu fausto que, contra essas festas soberbas herdadas dos tempos pagãos, a Egreja, então em pleno triumpho e dominando o mundo inteiro, nada podia, e tinha de tolerar as celebrações profanas, porque ellas attrahiam a gente mais rica de toda a Europa, fazendo-a convergir para essas duas cidades, onde circulava ininterruptamente uma torrente faiscante d'ouro.

Alguns papas fulminaram contra o Entrudo as suas terriveis excommunhões, ameaçaram os povos com todos os terrores do inferno, protestaram contra o Carnaval em encyclicas cheias de colera:—mas, apesar d'isso, não conseguiram matar nas almas o culto que a esse Carnaval se dedicava. Vendo que todos os seus esforços se quebravam inutilmente sem produzirem qualqer resultado, a Egreja, por fim, transigiu:—e os velhos pontifices. pallidos de susto entre as suas purpuras, collaboravam nos festejos carnavalescos e associavam-se em espirito aos folgares de Domingo Gordo, na cidade Eterna.

Até 1506, esses folgares constavam de jogos floraes, de corridas de touros bravos nas arenas romanas em tarde de sol e de ruido, dejjustas famosas á lança, de carros triumphaes, de tumultuosas mascaradas em que a phantasia e a diversidade dos costumrs sómente podiam comparar-se á exaltada imaginação da populaça e á vehemente alegria dos foleões, de procissões gigantescas civis e religiosas, ao mesmo tempo, desenrolando-se com magnificencia atravez das ruas! As horas de folguedo eram capitosas como um vinho forte, desvairavam os corações, que se estancavam na orgia, no amor e na bebedeira.

Sob o pontificado de Paulo III, especialmente, o Carnaval adquiriu um renome brilhante e inapagavel, que ainda hoje se relembra com saudade. Viram se em Roma, segundo os livros que fazem a sua historia, entre outros alacres e victoriosos divertimentos, cavalgadas esplendidas conduzidas por altos prrsonagens da aristocracia, caçadas d'animaes ferozes em plena praça publica, representações theatraes de deslumbrantes scenarios, resplandecentes de joias, de sedas, de velludos e perfnmadas de flores, maravilhosos bailes de mascaras que davam brado, pela sumptuosidade, pela graça decorativa, pela qualidade da gente que n'elles tomava parte! Julio III offerece, tambem, á nobreza romana movimentadas corridas, comedias, festas prodigiosas no Capitolio, para os quaes eram convidadas as mulheres mais bellas. Os vinhos famosos coloriam á luz as taças de crystal, scintillando por entre as rosas, e mais d'um cardeal, esquecendo o seu Deus, se rendeu aos olhares amorosos e tentadores do ephemero feminino que por toda a parte e em todas as edades e civilisações exerceu sobre o homem a mais suave das tyrannias!

*

Sixto V, porém, mais severo do que Paulo III e Julio III, mostrou-se menos indulgente para com o Carnaval, assim como Clemente XI e Benedicto XIV, que vibraram contra elle maldições terriveis. Comtudo, nem mesmo durante a vida d'estes papas, o Entrudo deixou de delirar, atravez das ruas de Roma, praticando toda a casta de loucuras, amando, galanteando e seduzindo. Foi só depois de Roma ser annexada, violentamente, á corôa d'Italia pelo rei Victor Manoel, que o Carnaval italiano perdeu o seu antigo prestigio e a sua notavel importancia. No emtanto, ainda hoje a Roma contemporanea o festeja com uma grandeza que se não encontrará em outra parte, com excepção de Nice. Subsistem as corridas de gala, os cortejos de carros ornamentaes, as mascaradas irrequietas, os bailes, em *travesti*, os passeios da multidão nos *corsos*, em carruagens soberbas, as batalhas de flôres e de *confetti*.

O Carnaval de Veneza foi, com certeza, mais celebre e mais concorrido do que o de Roma—sem duvida pelo facto de o ultrapassar em licença e por durar a maior parte dos mezes de inverno. A sua riqueza era incomparavel. Nos canaes, á noite, ao clarão da lua branca ou sob a luz indecisa das estrellas, erravam as gondolas illuminadas, com as suas tripulações de mascarados, de musicos e de remadores, enchendo a laguna, onde marulhava a agua morta, de canções d'amor e de barcarolas. Na cidade, havia feéricas illuminações e queimavam-se fogos d'artificio: a populaça, inebriada, louca, circulava pelas ruellas estreitas, farandolando. O luxo inexcedivel, e constante deslumbramento dos prestistos sumptuosos e dos «costumes», a affluencia das cortezãs que alliciavam pelos filtros magicos, pelo sortilegio da sua diabolica formosura, tornavam o Carnaval de Veneza verdadeiramente esplendido. Mas, talvez mais do que nenhuma outra attracção, eram os jogos d'azar auctorisados nas épocas de folia, que alli reuniam todas as pessoas ricas da Europa.

Veneza, porem, perdeu nas luctas politicas e na guerra, a sua independencia, e só então empalideceu o seu Carnaval, que inspirou artistas, compositores e poetas, e que serviu de thema para operas e para um dos mais bellos poemas de *lord* Byron!

De manhãsinha, na Egreja,
Vi-te ser a confessada...
E emquanto o padre escutava
par'cias envergonhada!

Vi-te em seguida sorrir
ao receber o perdão...
Apósto: não lhe disséste
As culpas todas...
Pois não?

Peccados ha que, nem sempre,
occorre á gente dizel-os...
Depois... se os padres são velhos
não podem comprehendel-os...

MASCARAS!...

A Francisco Mysterio

«Sempre i codardi, e l'alme ingenerose, abbiette ebbi in dispregio...»

Giacomo Leopardi.

O Aborrecimento, meu inseparavel companheiro, deixara-me finalmente, n'aquella tarde fria em que, sob um ceo nostalgico, estriado a filandras de oiro, pelas ruas tripudiavam mascaras em extranhos esgares.

A meus ouvidos chegava a sua gritaria irritante e, da minha janella, vi passar, em tumulto, alegres bandos, vistosamente disfarçaaos, em trajos de garridas côres, entre fitas e plumas de varios matizes.

Carnaval! Carnaval! Mascaras, Mascaras! E, toda a visinhança, muita alegre, assomava ás portas! ás janellas... as raparigas sorriam para os mascarados procurando reconhece los, os velhos riam a bom rir e o meu visinho Ambrosio, um ancião de oitenta annos, veio para a rua, com um enorme nariz postiço, a saltitar e a rir como uma creancinha!

E passaram muitos bandos... muitos.

Fizera se noite. No meu quarto, escassamente illuminado pela luz exterior, pairavam tonalidades propicias ao mysterio e ao sonho.

Carnaval! Carnaval!...

Salas repletas de lumes. de musica, de lindas mulheres seminuas na elegancia dos seus *travestis*, de flores e de doidejantes polychromias!...

Esplendidos setins que se amarrotam nas voluptuosas contorções do baile, alegres polkas estonteantes, risos argentinos que se diluem nos ares... gestos que prendem, curvas que arrebatam, seios que deslumbram...

Carnaval!... Carnaval!...

Depois, terminada a dança, passado o tumultuoso doidejar através das salas, os deliciosos momentos de repouso, em *flirts* dulcissimos, sob a influencia estontante de mil perfumes, com *divas* ephemeras, eleitas após o delirio do baile; divas sorridentes, captivantes e trocistas que se obstinam em occultar o rosto sob a discreta mascarilha negra!...

Tudo isto, todos estes seductores aspectos me prepassaram pelo espirito e, terminada tão agradavel visualidade, encontrei-me disposto a ir a um baile.

Sim, iria! Estava decidido! Antegosava o prazer de uma ceia alegre com alegres convivas, *Champagne* e seios nus. Nymphas falladoras e bacchantes lindas offertando beijos, flôres de carne a estontearem com seus perfumes, gargalhadas vibrantes retinindo entre crystaes .. sim, iria, ver as mascaras... as lindas mascaras, as graciosas mascaras!

Dispunha-me a sair quando o Aborrecimento, meu inseparavel companheiro, voltou de novo e adivinhando as minhas intenções exclamou:

—Ver mascaras? Que tolice! Que phenomenal tolice!

Eu, respondi apenas:

—Carnaval!... Carnaval!...

—Carnaval! Sim!—Replicou o Aborrecimento—O que será a Vida mais do que um eterno Carnaval? O que é a Humanidade mais do que uma grande, uma completa, uma saltitante mascarada?

Sim!—tornou, vendo a minha estupefacção—para ver *mascaras* necessitamos, por ventura, d'este tempo marcado pelo Kalendario? Engano! Puro engano! Pelo contrario, é este um tempo em que deixam de apparecer algumas das genuinas mascaras.

As mascaras são visiveis em todo o anno e em todos os paizes que se disem civilisados. Pertencem a todas as classes. Sae á rua, olha despreocupadamente, e logo as encontrarás!—Que digo eu? Basta chegares á janella e, sabe deus, tavez seja sufficiente olhares, ao espelho, para ti proprio!

—!?

—E' como te digo,—continuou o aborrecimento—Olha e vê com olhos de ver .. Repara bem... Vês, alèm, aquelle sympathico levita, de olhar candido e insinuantes maneiras?... Parece um santo, dirás... pois é uma mascara, una simples mascara. Paira-lhe no rosto uma grande expressão de bondade, mas, dentro d'aquelle peito occulto pela garnacha palpita um hediondo coração de hyena...

Vês, mais além, aquelle cavalheiro de maneiras doutoraes e importantes, todo elle illuminado por um grande ar de superioridade. Ha-de parecer-te um professor... talvez um sabio!...

Ah! meu querido, não passa de outra mascara! .. alli onde o vês, a sua apregoada sapiencia é, como a de tantos outros um rotulo vistoso a disfarçar a mais indigesta das ignorancias...

Vês, mais além, na impeccabilidade do seu trajo rico, aquelle homem pallido, com tantos brilhantes e tanto oiro? Vão diser-te que é um banqueiro millionario... Engano! E' outra mascara... E' apenas um ladrão com sorte, menos proesas do que as suas levaram, muitos dos seus collegas gatunos, ao presidio...

Vês, além a baixo, aquelle denodado propagandista da Evolução Social? Olha como gesticula, admira como é empolgante o seu discurso... E' outra mascara, meu amigo. Alli onde o vês, tão liberal e pugnando tanto e tão encarniçadamente por principios tão avançados, empresta dinheiro a juros e é socio de uma casa de penhores...

Além, aquella outra mascara, vês?... E' um distincto jornalista... mas, coitado, mal escreve o seu o nome... Vês, aquelle outro? Diz-se poeta... é outra mascara! Canta as bellezas ideaes mas só dedica ss seus versos ás hetairas que o sustentam..

Além, vês, quasi á esquina, aquella senhora gentil, graciosa, imponente no seu grande ar de honestidade? .. Ah! Ah! Outra mascara, meu amigo, outra mascara! Vaes, talvez contradictar-me.

Bem sei!... Talvez por algum tempo te enfeitiçassem aquelles olhos negros, talvez fizesses d'ella o teu supremo ideal, o teu pensamento constante!... E' desculpavel! Ella é um tanto interessante... mas, é tambem, ella propria, ainda uma mascara!...

E' ficticia toda aquella seriedade! Aquelles labios que parecem não saber sorrir, abrem-se em sonoras gargalhadas quando falla com os amantes, n'aquelles olhos que parecem vellados pela fadiga, scintillam, então fulgôres de mil estrellas e é, em requintes de volupia, sequiosa de caricias impossiveis no seu lar amaldiçoadamente esteril, que ella se entrega... Mascaras! Mascaras! Tudo mascaras!...

—Basta!—suppliquei, interrompendo o Aborrecimento.—E' doloroso, é horrivel, é infernal o que me contas! As tuas palavras assustaram o bando alegre das phalenas lindas dos meus queridos sonhos... È' triste perder tanta illusão!...

E o aborrecimento, impassivel:

—Carnaval! Carnaval! Mascaras! Mascaras!...

Faro, 2.º-1908.

LYSTER FRANCO.

AS OSTRAS

O bailarico acabado,
Pierrot, com gulodice,
Vae comer ostras de Nice
Em gabinete fechado.

As ostras! que lindo luxo!...
Cresce-lhe a agua na bocca,
Parece-lhe a duzia pouca
Porção p'ra metter no bucho.

Em tudo ha seu preceito ..
Um pouco Pierrot reflecte;
E entre as duas conchas mette
A faca, com todo o geito.

Parece feliz amante
Junto á sua namorada,
Como a ostra esverdeada
Nada que mais o encante!

Nos olhos doce prazer
Se lhe pinta. O' ostra amiga!
E's um balsamo, mitiga
O nosso duro soffrer!

N'esta vida de agonia
Que levamos cá na terra,
O sabor que em ti se encerra
Dá saude e alegria

E Pierrot olha, guloso,
A ostra — rico manjar!
Que lhe dá ao paladar
A delicia acre de um goso,

Como quem morde os rosados
Labios da mulher amada.
O' ostra! noiva encantada
Que nos dás tão bons boccados!

De cascas o prato é cheio;
E Pierrot chupa que chupa...
E a barriga upa, upa,
Com todo o bello recheio.

Tal modo que, sem pensar,
Tem quasi tudo no bucho.
O' ostra! que rico luxo!
E que iguaria sem par!

N'este mundo é que se paga
Quando a gula nos domina,
Ostra! és estrychinina!
O' ostra! maldita praga!

Que convulsões! que agonia!
O dictado que aqui cabe
E' que Pierrot já não sabe
Onde a sua freguezia.

Muito bom é o comer,
Melhor o saborear;
Mas fazel-o sem pensar
E' coisa p'ra arrepender.

Faz-se de todas as côres
O desgraçado Pierrot,
Porque antes não pensou
Que a ostra traz... dissabores

A ostra, Pierrot amigo,
A ostra, perfume raro,
A ostra, prazer tão caro,
A ostra, doce inimigo,

Nunca deve ser comida
Sem uma mulher ao lado!
Amante e ostra,—é o boccado
Que se leva d'esta vida.

CARNAVAL CIVILISADO

EM

LOULÉ

Programma dos festejos de 1908

DOMINGO — Entrada triumphal do Rei Carnaval, n'um elegante e luxuoso carro, ás 10 horas da manhã; cortejo do mesmo e seu sequito pelas ruas da villa.

A's 11 horas esplendida MATINÈE pelo GRUPO COMICO-DRAMATICO LOULETANO, realisando-se nos intervallos a rifa das prendas offerecidas pelas damas em beneficio dos pobres. De tarde, corridas de biciclettes.

SEGUNDA-FEIRA — A's 10 horas da manhã, corridas negativas de gericos; das 12 ás 2 da tarde, concerto pela excellente BANDA D'INFANTERIA 4; ás 4 horas, deslumbrante batalha de flôres, tocando durante ella a afamada banda d'infanteria 4 e as apreciadas philarmonicas UNIÃO MARÇAL PACHECO e ARTISTAS DE MINERVA; ás 9 horas da noite, espectaculo pelo GRUPO acima referido.

TERÇA-FEIRA — A's 10 horas da manhã, distribuição do **BODO** aos pobres, com a assistencia do elemento official e das principaes damas e cavalheiros da villa; de tarde, nova batalha de flores; cortejo e retirada do Rei Carnaval.

O DOMINGO GORDO NA ALDEIA

Julieta tinha-lhe dito, de corrida, emquanto no salão as pessoas graves jogavam o *Whist:* «Amanhã, domingo gordo, vou passar o dia a Villemonble, a casa de meu tio. Se me ama como diz, se tem por mim essa loucura de não poder passar um dia sem me vêr, vá ámanhã a Villemonble. Passeie na unica rua da aldeia, debaixo das janellas da casa de meu tio. E' pegada a uma mercearia. Ao meio dia abrirei a janella e sorri lhe-hei de longe! Um sorriso é muito mais do que o senhor merece».

Era mais do que elle ousaria esperar!

No dia seguinte, muito antes do meio dia, já elle estava de sentinella na rua de Villemonble, olhando apaixonadamente para a janella onde Julieta promettera apparecer:

Um vento gelado açoutava-lhe a cara, arripiava-lhe a pelle e os cabellos, erguia nuvens de poeira. Mas que lhe importava o vento? Teria arrostado com cyclones!

Qu'imporre ce que peut un nuage des airs
Nous jeter en passant de tempête et d'éclairs!

Não ia elle vê-la, d'ahi a pouco, á janella, sorrindo lhe? Só a esperança d'esse sorriso — porque ella tem dentinhos de gata que morde! —o compensava dos aborrecimentos da espera; e abençoava a poeira que lhe chicoteava a pelle.

Caminha encostado ás casas. Os transeuntes olhavam para elle com surpreza. Para fugir a esta investigação curiosa, parou á porta da mercearia onde havia farta exposição de fatos de pastores dos Alpes, de *pierrots*, de mascaras de setim amarrotado, — caraças grotescas, enormes narizes de papelão.

Olhava para aquelle certamen carnavalesco com o ar de quem se interessava muito. Mas Deus sabe como elle estava inquieto! Porque acabava de dar meio dia e Julieta sem apparecer.

Oh! aquella janella fechada!

Mas lembrava-se que Julieta lhe havia dito: «espere com paciencia». Continuava a olhar — a fingir que olhava! — para os narizes, para as mascaras, para os trajes.

Notou que a dona do estabelecimento o espreitava com desconfiança. Quem seria aquelle desconhecido que mirava tanto a *vitrine* e não entrava, não comprava nada não alugava nada?

Receiou as más linguas da aldeia, teve medo de comprometter Julieta. Para justificar a sua presença n'aquelle sitio, empurrou a porta da loja, entrou. Pediu, ao acaso, varios objectos; e depois de muitas hesitações, acabou por escolher, pensando no narizinho côr de rosa de Julieta e no promettido sorriso, —um gigantesco e extraordinario nariz de papelão, pintado de vermelho, azul celeste, verde-maçã, de onde emergiam, verrugas colossaes, um nariz que faria rebolar de prazer o rapazio das escolas.

Com o pittoresco objecto embrulhado n'um jornal, voltou a marcar passo na rua.

Meio dia e meia hora! e a janella sempre fechada! Tel-o-hia Julieta esquecido? Ou exaggerava a sua habitual crueldade—a *coquette!* —até lhe recusar a miuguada esmola de um sorriso?

Emquanto passeava desesperado, o nariz de papelão, no jornal saccudido e esfarraqado pela ventania, irritava-o singularmente. Tinha furias de o atirar para um canto qualquer; mas não o fazia com medo de ser visto. E não cessava de passear, passear sempre.

Emfim! emfim! Não se enganava:—a cortina de uma janella movia-se; um ruido surdo annunciava-lhe que a abriam. Mais alguns segundo e veria o sorriso de Julieta, esse sorriso tão lindo, tão terno, que lhe fazia antever todos os gosos do paraiso! Já estendia os braços, cheio de alegria!

Effectivamente, Julieta appareceu. Mas não se limitou a sorrir: mal assomou ao peitoril, saccudiu-a uma gargalhada louca, inextinguivel, a gargalhada cruel que escarnece e humilha.

Cheio de espanto, elle levou instinctivamente a mão á cara e reconheceu — o desgraçado! — que, não sabendo que fazer d'elle, tinha posto o seu nariz—vermelho, azul celeste, verde-maçã, — o enorme nariz de Carnaval!

Catulle Mendès.

Na aula.

—Dizem os homens de sciencia que a lua é habitada, observava o professor.

E um pequeno perguntou-lhe;

—Para onde é que vão os moradores do quarto minguante?

SERMÃO CURIOSO

Aquelle padre Fonseca
(perdôe sua reverencia)
Com o seu genio frenetico
foi sempre um grande ratão.
Um anno de grande secca
que houve na villa de Outhão
procissão de penitencia,
pregava elle o sermão;
E ao entrar a procissão
prorompe n'este pathetico
aquella voz de trovão:
—Nem uma gotta de chuva
vos ha-de cahir do céo!
Nem gotta, vos digo eu!
Que em Deus estando irritado,
já nem lhe importa mendigo,
nem lhe importa potentado,
nem desgraçada viuva,
nem orphão desamparado.
Prega os olhos no peccado
e desfecha-lhe o castigo!
Nem gotta de agua, vos digo,
nem uma gotta de chuva!

E como ainda insistisse
—«Oh senhor! (brada o Lacerda):
Nem um orvalho?!
—Nem m....!...
Disse.

O CARNAVAL EM ROMA

(1818)

Onze dias antes da melancholica solemnidade das Cinzas, isto é, no sabbado anterior á Sexagesima, Roma, a austera cidade dos Pontifices, inaugurava as folias carnavalescas que terminavam na noite de terça gorda. Em obediencia a uma velha determinação da egreja, a sexta feira e os domingos eram consagrados ao Senhor. N'esses dias suspendia-se a bacchanal. Roma tinha, pois, oito dias para se divertir, e tinha os graças á amavel condescendencia d'um pontifie que em 1818 ampliou o periodo das festas, n'essa epocha limitadas a um só dia—a terça feira.

Nas proximidades da solemnidade religiosa da Sexagesima, a velha cidade, de ordinario tão piedosa e casta, agitava se n'um movimento extraordinario. Os alfaiates concluiam os opulentos vestuarios com que a nobreza romana se disfarçaria em magnificos imperadores do oriente, com os seus sequitos maravilhosos de principes e dignitarios. Os estofadores atarefavam-se na ornamentação das artisticas janellas dos palacios rendilhados. Carpinteiros e marceneiros erguiam nas ruas e praças bancadas e pavilhões d'onde commodamente se presencearia o desfilar dos brilhantes cortejos. As janellas das casas do Corso, das praças do Povo, Celonna, Veneza, etc., alugavam-se por preços fabulosos. E em todas ellas, tapeçarias custosas, damascos caros, veludos d'altos preços, brilhavam n'uma disposição phantastica de cores. N'uma das praças das immediações do Corso levantava-se o «Mannaja». E este numero do programma era um dos que o povo com mais anciedade esperava. A «Manneja» era... um cadafalso!

Quando, nas proximidades do Carnaval, algum criminoso era condemnado á morte, a justiça conservava-o cuidadadosamente para que a sua agonia servisse de distracção ao christianissimo povo romano! Antes do sino do Capitolio repicar festivamente annunciando a abertura das festas carnavalescas, o desgraçado, vestindo uma tunica grotesca, era processionalmente conduzido ao «Mannája» e ahi executado! A praça regorgitava de povo. E a multidão acolhia com gargalhadas e apupos o estertor do condemnado...

Esta barbara usança foi abolida, nos começos do seculo passado, sob a dominação franceza. Restabelecida mais tarde pelos papas, que não quizeram privar o seu povo de tão admiravel espectaculo, foi abolida definitivamente no pontificado de Pio IX.

*

O sino do Capitolio repicava precisamente á uma hora da tarde, terminada que fosse a execução capital. Era um sino historico. Tinha pertencido a Viterbo, e não tocava senão para annunciar a morte e a eleição dos pontifices e a abertura do Carnaval.

Roma esperava com ancia que o relogio batesse a hora official. E quando ella soava, argentina e solemne, de todos os lados, em direcção ao Corso, rodavam equipagens riquissimas tiradas a dous, quatro e seis cavallos, e corriam, desengonçando-se como contorcionistas, agitando-se como epilepticos, cabriolando como palhaços, saltando como macacos, uivando, gritando, n'uma orgia mais feroz do que nas Saturnaes pagãs, bandos enormes de arlequins, de dominós, de principes, de aldeãos, de personagens do theatro italiano, de pierrots, de bandoleiros da Calabria, de montanhezes, de *pagliacette*, etc. As equipagens rodavam lentamente, umas descendo, outras subindo o Corso. Vinham então as cavalhadas de luxo, reproducções grotescas de scenas mythologicas ou historicas, gigantes, monstros de toda a especie, grandes senhores com as suas côres e as suas guardas.

Choviam de todos os lados os *confetti*, de assucar e com essencias finas, para a nobreza; de gesso e com pimenta para a ralé... Despejavam-se saccos de farinha, jogovam-se ovos e laranjas, das janellas as senhoras atiravam flôres, rebuçados, ovos de cheiro. O tumulto era espantoso, e não eram precisas muitas horas para que, ficando apenas em campo a populaça, o Corso se transformasse n'uma sortida esterqueira, onde a garotada, em farrapos e uivando, se espojava como se tivesse o diabo no corpo...

*

Nos ultimos tres dias a animação era extraordinaria. Na terça-feira realisava-se a corrida de cavallos, espectaculo barbaro que o povo applaudia com phrenesi. Durante alguns minutos os animaes luctavam uns com os outros e com os homens que n'elles se agarravam ou nos focinhos ou nas crinas. Mas a multidão gritava: *La mossa! La mossa!* Então os cavallos, partiam á desfilada, indo esbarrar-se n'uma enorme tela que, como um muro, se estendia no Corso, entre os palacios Torlonia e Veneza. O juiz da corrida proclamava o vencedor, e a multidão atroava o ar com as suas acclamações, saudando o animal vencedor. Accendiam-se depois as illuminações, tocavam as musicas, recolhiam as equipagens de luxo e as grandes cavalhadas faustosas. E quando o historico sino que as tropas pontificias trouxeram de Viterbo, dava, do alto do Capitolio, as badaladas tristes annunciando o fim da orgia, toda a animação cessava, um grande silencio se fazia, e algumas vozes lugubres, como no final d'uma tragedia, exclamavam:

—E' morto il carnavale!

A' ultima badalada do sino pontifical, das phantasticas illuminações que ardiam no Corso, nem a luz mortiça d'um *moccoli* brilhava. A multidão dispersava, grotesca nos seus trapos multicores, como phantasmas que lentamente se dissolvem. Em alguns *trattorie* ceava-se, pacatamente, sem ruido. Nos salões de baile, os violinos esmoreciam, acompanhando o cansado rodopio dos raros valsistas que se moviam em movimentos arrastados. A caminho de casa, os que passavam pelo sitio pavoroso aonde se erguera a «Manaja», benziam se e murmuravam um *Pater* por alma do desgraçsdo que alli morrera entre o estridor das musicas e os uivos da canalha. Das casas de prazer vinha um ruido basso e molle, de gente saciada. A's onze horas o Corso estava deserto. E quando a meia noite soava, Roma era como uma cidade morta. Todo o rumor tinha cessado, e apenas um ou outro vulto tardio, que a solidão e a treva tornavam mais espectral, se dirigia para casa, emquanto para as bandas do Vaticano uma sineta espalhava no ar um som magoado, de tristeza e dôr, lembrando ao homem o pó d'onde viera e em que se ha de transformar um dia...

Firminio Pereira.

CARNAVAL

Ao palacio gentil da Formosura,
que a minha alma comprou a velhas fadas,
vieram muitas illusões sonhadas,
vestidas a capricho, em noite escura.

Dançava-se com tal desenvoltura
que, ao ruido das valsas embriagadas,
mal se ouviram na porta umas pancadas.
Mas de dentro disseram: «Quem procura?...»

Sobre o silencio que se fez no bando
bateram com violencia, e galhofando,
responderam: «As noivas do Boccacio».

Ó bons ideaes da minha festa insana!
—Era o mundo do Amor,—miseria humana,
que ia a troçar a dona do palacio!...

A. Feijó.

"Soffria minha filha Helena d'uma anemia profunda que a fazia definhar devido á sua tenra edade. Consultando um medico, este immediatamente receitou a

Emulsão de SCOTT

e é devido a ella que minha filha se encontra hoje salva d'essa terrivel molestia, que tanto apoquenta as creanças, encontrando-se alegre, forte e com boas côres."

(a) Joaquim Maria Costa.

Rua de Santo André, 1, Extremoz,
15 de Janeiro de 1907.

Os medicos receitam a Emulsão de SCOTT porque sabem qual a composição d'ella, isto é, que é feita do mais fino oleo de figado de bacalhau, formando um créme delicioso e muito digerivel, pelo processo original de SCOTT. Esta intensa energia nutritiva que se encontra no preparado de SCOTT, é absolutamente indispensavel para a cura da anemia. E este o motivo porque as outras emulsões, compostas constantemente de oleos inferiores, que ás vezes nem são de bacalhau, mas sim de animaes marinhos ordinarios, não podem de maneira alguma curar como cura a Emulsão de SCOTT. Se desejaes a cura garantida pelo preparado de SCOTT, adquiri o de SCOTT (com

"o peixeiro com o peixe"

no involucro), rejeitando os outros Aliás soffrereis um doloroso desapontamento.

NOTA: Apezar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Snrs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1º, Porto.

Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.

A filha do Wenceslau
tem um dos olhos de vidro;
e o seu marido, o Isidro,
tem uma perna de páo...

Quando a luz do día expira
accendem logo a lanterna:
a mulher o olho tira,
e o marido tira a perna.

Deitam-se, cobrem a pelle
e sonham na paz mais bella;
ella, com a perna d'elle,
elle, com o olho d'ella.

E o olho e a perna, que ficam
á cabeceira em dois bancos,
são testemunhas que explicam
que a amar não são elles mancos.

O ESPIRITO DOS OUTROS

Carlos Bento, apezar de ser feiissimo, não poupava os feios. E' verdade que parece que não deixava de ter as suas «bonnes fortunes» Um dia encontra um homem politico, bem feio tambem. valha a verdade, homem sempre adoentado, mas trabalhador e intelligente.

Trocam-se entre os dois as phrases consagradas d'estes encontro na rua.

—Como vae de saude? perguntou Carlos Bento ao seu interlocutor, e perguntou-lh'o levantando com difficuldade a voz, porque Carlos Bento quasi que perdera a voz e o seu interlocutor é duro de ouvido.

—Mal! responde o interpellado. Não durmo bem, ando com pouco appetite, emfim, padeço bastante.

—A cara não indica, tornou Carlos Bento amavelmente.

—Sim! sim! replicou o outro com melancolia; eu tambem da cara não me queixo.

—Pois olhe, tinha razão para isso, acóde logo Carlos Bento, incapaz de soffrer por mais tempo a sua veia caustica.

*

— De que te disfarças n'este carnaval!

— De... burro.

— Fazes mal, porque todos te conhecerão immediatamente.

*

O sr. dr. Ayres de Gouveia explicando na Universidade uma lição de direito ecclesiastico dizia:

—O direito ecclesiastico, meus senhores, sim, o direito ecclesiastico é util por uma cousa. sim meus senhores, por duas cousas, util por milhares de cousas... E passava a outro paragrapho.

No dia seguinte, o sr. D. Antonio, entrou na aula e chamou á lição um dos estudantes tão notavel pela graça como pela cabula.

O estudante, grave, muito serio, espalha o olhar pela sala, e com voz clara, principia:

—O direito ecclesiastico, meus senhores, é util por uma cousa .. (espanto geral) por duas cousas, por tres cousas, por quatro cousas, por cinco cousas, por seis cousas (a custo se suffoca o riso) por sete cousas... por oito cousas... (começa a impaciencia do lente...) por nove cousas...

—Basta, exclama o lente.

O estudante imperturbavel:

—... por vinte e tres cousas... por vinte e quatro cousas...

—Está bem, está bem, grita o professor.

O mesmo estudante impavido:

—... por trinta e oito cousas, por trinta e nove cousas...

Calle-se grita o lente!

— .. por cincoenta e cinco cousas, por cincoenta e seis cousas...

—Está bem, berra o lente, pondo o chapeu, a lição para amanhã é a mesma, e levantando-se sahe da aula.

O mesmo estudante sempre sereno:

—Por cento e trinta e tres cousas, por cento e trinta e quatro cousas...

Sahe tudo da aula ás gargalhadas, e o estudante continua.

—... Por duzentas e dez cousas, por duzentas e onze cousas...

E foi tal a impressão, que á noite, á borda do Mondego, o echo do mar, batendo de encontro á rocha parecia repetir.

—Por quatrocentas cousas, por quatrocentas e uma cousas...

*

O pequeno — O' mamã como é que principiam as guerras?

Mamã—Imagina que os inglezes insultavam a bandeira franceza...

Papá—Minha querida, os inglezes não frziam semelhante coisa...

Mamã — Desculpa, podiam fazer...

Papá — Que idéa tão extravagante!

Mamã—Faz favor de me não interromper?

Papá—Estás dando ao pequeno uma ideia falsa...

Mamã—Não estou tal.

Papá—Já lhe disse que está!

Mamã—Não me trates na terceira pessoa?...

Papá—Hei de tratal-a como eu quizer.

Mamã— Maldita hora em que me appareceste!...

O pequeno (para si)—Parece-me que já percebo como principiam as guerras.

*

No seculo XVIII houve uma cantora italiana de grande nomeada, Catharina Gabrielli, cujas extravagancias fizeram epocha. Convidada para cantar no theatro de S. Petersburgo, pediu 5000 rublos por um mez.

—5000 rublos! exclamou a Imperatriz, mas isso não dou eu aoo meus feld-marechaes!

—Pois faça Vossa Magestade cantar os feld-marechaes.

*

A um discurso vehemente de José Estevão contra o ministerio de 1841 que em poucos mezes havia tido uns poucos de ministros da fazenda, respondia Rodrigo da Fonseca, com todo o seu espirito mordaz:

—O illustre deputado desenhou o quadro completo dos ultimos momentos do ministerio, mas esquecera-se de nos pôr nas mãos a cruz da hora extrema.

—Não esqueceu, não senhor, interrompe vivamente José Estevão. Não lh'a puz porque o ministerio morre impenitente.

*

—Sr. conselheiro, isto vae mau. Creia v. ex.ª que estamos em cima de um vulcão...

S. Ex.ª:—Nem tanto, nem tanto. Estamos em cima de um vul... *gato*...

Escusam de procurar. Não ha outro.

*

Um pensamento de Urbano de Castro:

—Quanto mais leve é a cabeça da mulher mais pesada é a do marido!

*

Atira-se ao rio um homem. Correm logo muitas pessoas a salval-o, mas elle foge-lhes teimoso na sua tentativa de suicidio.

—E o que é peior, diz na praia desesperado um sujeito que o conhecia, é que aquelle infeliz sabe nadar?

—Ah! sim? exclama um espectador.

Chega-se mais á beira do rio, tira um revolwer, e diz para o suicida:

— O' seu patife! Se você não vem immediatamente para terra, faço-lhe saltar os miolos·

E o homem veiu.

*

Um sujeito pergunta a outro se conhecia alguem que tivesse influencia bastante para um ministro.

—Tenho eu.

—Você?

—Sim, senhor.

—Falla lhe?

—Não senhor, mas fiz-lhe um grande favor, elle sabe que o fiz, e era preciso que fosse muito ingrato para me recusar qualquer coisa.

—Um grande favor! Você?

—Sim, senhor. Você conhece minha mulher, não- pois em solteira, elle fazia-lhe a côrte, e se eu não me apressasse a casar com ella quem estaria a estas horas casado era elle.

*

—Está triste doutor?

—Se lhe parece! Perdi hontem tres dos meus melhores doentes.

—O que? Morreram?

—Não. Curaram-se.

*

Um dia na Camara dos Deputados, antes da ordem do dia, quando na bancada ministerial só estava Carlos Bento, que era então ministro da fazenda, um deputado provinciano tratava com enthusiasmo de um assumpto pecuario. E exclamava:

—Sr. Presidente, os povos lamentam a falta de cavallos reproductores.

E Carlos Bento, n'um movimento rapido, cavalgando a luneta no nariz, e inclinando-se para Pinheiro Chagas, que estava de pé, em frente da bancada:

—O que farão as eguas!!

*

Um medico pede um rapariga em casamento.

—Eu não tenho duvida em lh'a dar, diz o pae, mas devo dizer-lhe uma coisa: a pequena não tem dote, e não vê cinco réis do que é meu senão depois da minha morte. Convem-lhe assim?

O pretendente (com toda a amabilidade).—V. Ex.ª dá-me licença que a ausculte?

Aos lavradores

As prolongadas seccas nos ultimos annos, as anormaes alterações da temperatura dos ultimos tempos e em todas as epochas e a natural falta de pastagens e alimentos verdes para todo o gado em bastantes mezes do anno—são inconvenientes tão apoquentadores dos creadores, que apontar-lhes um remedio é prestar-lhes um bom serviço.

Ora já não ha duvida de que a ensilagem supre vantajosamente aquellas faltas—de que não fica mais cara do que os alimentos secos—de que se conserva de modo e por forma que está sempre prompta para a alimentação e, finalmente—de que está ao alcance de todos—senão em grande escala, em modesta experiencia pelo menos.

Os silos tanto podem ser pequenas barricas, como altas torres e de todos os materiaes de construcção: de tijolo, de alvenaria, de madeira, de adnella, de cimento armado, de madeira e papel, emfim, até se podem aproveitar pipas ou tuneis velhos, pias de pedra, tanques e pombaes velhos.

Como se faz e de que se pode fazer o silo, como se enche e como se aproveita a silagem—aprende-se na leitura de duas horas d'um livro que com o titulo *Ensilagem* se publicou ha pouco, traduzido de uma publicação americana. Não ha necessidade de engenheiro, mestre d'obras ou outro director—é lêr e mandar executar.

«Se as faces, como elle diz,
estão entre os olhos e a bocca...
(Grita o mestre ao aprendiz,
já com a cabeça louca
de não decifrar o X)
Se as faces, como elle diz,
estão entre os olhos e a bocca...
Onde mette elle o nariz?!

ENCADERNADOR

RUA DA BOA VISTA, 10

FARO

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Centeio	600	14	litros
Cevada	500	»	»
Chícharos	800	18	»
Favas	800	»	»
Feijão branco	1$400	»	»
» raiado	1$400	»	»
Grão	1$300	»	»
Milho de regadio.	800	»	»
Milho de sequeiro.	780	»	»
Trigo broeiro	740	14	»
Trigo rijo	760	»	»
Sal	40	»	»
Azeite	2$000	10	litros
Aguardente	1$700	20	»
Vinagre	300	»	»
Vinho	1$000	»	»
Batata	600	15	kilos
Arroz	1$700	15	»
Laranjas	400	o Cento	

NOVIDADE LITTERARIA

Bernardo de Passos

GRÃO DE TRIGO

VERSOS

A' VENDA NAS LIVRARIAS

CARREIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas
no mez de fevereiro

Dias	Horas	De Mertola	Dias	Horas	De Villa Real
10	10,08	da manhã	8	3,34	da manhã
12	12,46	» tarde	11	7,04	» »
14	2,42	» »	13	9,32	» »
17	4,20	» manhã	15	11,08	» »
19	5,24	» »	18	0,28	» tard
21	6,12	» »	20	1,22	» » e
24	8,	» »	22	2,26	» »
26	9,52	» »	25	4,32	» manhã
28	1,04	» tarde	27	7,08	» »
			29	9,42	»

SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA

1.º ANNUNCIO

No Tribunal do Commercio da comarca de Tavira e cartorio do terceiro officio, n'uma acção com processo especial que João Braz de Campos, d'esta cidade, move contra Manoel Costa e mulher Izabel Antonia, proprietarios, que residiram no sitio de Amaro Gonçalves, freguezia da Luz e actualmente ausentes em parte incerta, no Reino de Hespanha, correm editos de sessenta dias, a contar da publicação do segundo annuncio no *Diario do Governo* citando os ditos reus para comparecerem na segunda audiencia do referido Tribunal, posterior ao praso dos editos, a fim de verem accusar a citação e assignarem termo de confissão ou negação da firma feita a seus rogos, n'uma letra de 143$800 réis, sacada pelo auctor João Braz de Campos em 1 de julho de 1906, pagavel em 28 de março de 1907 e devidamente protestada por falta de pagamento, sob pena de, não comparecendo, a causa seguir os seus termos á revelia.

As audiencias de expediente do Tribunal do Commercio d'esta comarca de Tavira têem logar no edificio do Tribunal da mesma comarca, situado na Ladeira da Fonte, da dita cidade, todas as segundas e quintas feiras pelas 11 horas da manhã, não sendo aquelles dias feriados ou santificados. Sendo santificados têem logar nos dias immediatos se tambem não forem feriados ou santificados.

Tavira, 26 de julho de 1907.

Verifiquei: — *J. Sereno.*

O escrivão do 3.º officio,

Estevão José de Sousa Reis.

(213)

1.º ANNUNCIO

No juizo de direito da comarca de Tavira, no cartorio do primeiro officio e pelo processo de arrecadação da herança deixada por João José d'Oliveira, viuvo, professor official d'ensino primario aposentado da freguezia de Santo Estevão, onde residiu no sitio da Egreja, da mesma comarca, — correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando todos os credores incertos do fallecido, para deduzirem no processo os seus direitos.

Tavira, 24 de fevereiro de 1908.

Verifiquei:—*J. Sereno.*

O escrivão,

211) *José Joaquim Parreira Faria.*

CASAS

VENDE-SE uma morada de casas terreas ua rua das Salinas d'esta cidade, a qual foi do fallecido Manuel do Sacramento, com 12 compartimentos, sobrado corrido, quintal todo cercado de parreiras, 3 poços, 1 oliveira, 2 pereiras, 3 romeiras, 3 ameixeiras, 1 limoeiro, 2 figueiras, 3 preiros. Quem pretender pode dirigir-se á cabeça do casal residente na mesma, ou ao procurador Sebastião José da Silva Junior.

214

MODESTO GOMEZ REYES

FARO

Deposito de Carboreto de Calcio Italiano de 1.ª qualidade em caixas de 50 kilos e tambores de 100 kilos revestidos de madeira.

Petroleo Americano puro de 1.ª qualidade, da acreditada marca Columbia Oil C.º of. New York U. S. A. «X Rays» refined Pennsylvania, da mais absoluta confiança e garantia, não deixa residuos; artigo que posso fornecer em boas condições. Preços sem competencia.

Consultem antes de fazer as suas compras. Envia-se tabellas pela volta de correio a quem requisitar.

Monte-Pio Artistico Tavirense

ASSEMBLÉA GERAL

CONVOCAÇÃO

EM conformidade com o artigo 73 dos nossos estatutos é convocada a assembléa geral ordinaria a reunir no dia 29 de fevereiro, pelas 4 horas da tarde, na séde da associação, afim de discutir e votar as contas da gerencia finda.

Em conformidade com o disposto no artigo 75 dos estatutos estão patentes as contas e documentos da gerencia de 1907 para poderem ser examinadas.

Não havendo numero legal de socios para esta assembléa poder funccionar, fica desde já feita a convocação para o dia 9 de março proximo, pela mesma hora e no mesmo local; sendo a ordem dos trabalhos a que vae indicada para a 1.ª convocação.

Tavira, 10 de fevereiro de 1908.

O presidente da assembléa,

208 *João Sebastião Patricio.*

Almanach encyclopedico illustrado

PARA 1908

Coordenado por

AGOSTINHO FORTES

Publicação interessantissima, com assumptos de grande importancia social e de incontestavel utilidade domestica.

Leitura variada e attrahente!

A' venda em todas as livrarias e correspondentes da provincia, pelo modico preço de

400 réis!!! Elegantemente cartonado 400 réis!!!

Pedidos ao editor:

ABEL D'ALMEIDA

80, Rua do Alecrim, 82

LISBOA

PAPELARIA

Pacotes com 4 folhas e 4 envelóppes, 20 réis.

Pacotes com 5 folhas e 5 envelóppes, papel superior qualidade, 30 réis.

Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, 100 réis.

Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, papel superior qualidade, 300 réis.

Papel almasso, pautado e liso em diversos formatos e qualidade.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

Acaba de publicar-se:

DESENHOS E ANECDOTAS

DE

JOÃO DE DEUS

POR

M. TEIXEIRA GOMES

O producto da venda d'este folheto reverte em favor do cofre das Escolas Moveis. Preço: 150 réis.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

ANNUNCIO

FAZ SE publico que no dia 10 de março de 1908, pelas 12 horas do dia na secretaria da 6.ª Secção de Via e Obras em Faro, perante o respectivo chefe da secção, terá logar a arrematação para a obra de extincção dos pantanos do largo de S. Francisco em Faro.

O deposito provisorio para ser admittido a licitar é de 45$000 réis.

Os licitantes podem enviar, em carta fechada, para a entidade perante a qual é feito o concurso, a sua proposta acompanhada do recibo do deposito provisorio e de todos os documentos exigidos, entendendo-se que, procedendo assim, desistem de tomar parte na licitação verbal quando a haja, e do direito de reclamar ácêrca dos actos do concurso.

Os projectos, cadernos de encargos e as condições de arrematação podem ser examinados todos os dias uteis, desde as 10 da manhã ás 4 horas da tarde, na Secretaria da referida secção.

Faro, 12 de fevereiro de 1908.

O conductor chefe da 6.ª Secção de Via e Obras,

210 *Eduardo F. de Mello Garrido.*

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA

pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes.

Consultas gratis aos pobres ás 9 a manhã.

Rua 1.º de Dezembro, 20

42 FARO

Adubos baratos

Chamam-se assim os adubos que se vendem a 600 ou 800 réis por sacco de 50 kilos.

Podemos porém provar que, todo o lavrador que gasta estas cousas que de adubo só têm o nome, deita 20 % do seu dinheiro para a terra em pura perda, sem tirar a mais insignificante vantagem.

Todo o lavrador deve comprar os *adubos compostos* com devidas dosagens garantidas de *azote acido phosphorico* e *potassa* da casa O. Herold & C.ª de Lisboa e Porto.

ALVIÇARAS

Na tarde de quinta feira ultima, perdeu-se uma malinha de camurça cinzenta, para senhora, desde o Mercado até á casa do ex.mo sr. Berredo Falcão.

Quem entregar no escriptorio Reis as chaves que ella continha, receberá alviçaras.

JOÃO DE DEUS

A todos os cavalheiros a quem ultimamente foi remettida uma circular sobre a lapida a collocar na casa em que nasceu João de Deus, roga-se a fizeza de, querendo subscrever, enviarem até 15 do proximo mez, as suas importancias ao sr. Antonio Pedro Ramos ou Joaquim Thomé de Sousa Reis Remechido.

A lista dos subscriptores tornar-se-ha publica em occasião opportuna assim como as despezas a fazer.

Messines.

Pela commissão,

720 *Antonio da Conceição Teixeira.*

PREDIO

Aluga-se ou vende-se um predio em Santa Catharina, com 1.º andar proprio para residencia e tendo nos baixos armazem proprio para negocio—na rua corrente—trata-se com Manuel Luiz Horta, que vive na mesma. 204

Que adubo devo applicar?

PEDIR a O. HEROLD & C.ª — Lisboa ou Porto, um questionario em branco, enchel-o e devolvel-o; enviar ao mesmo tempo uma amostra da terra á casa O. HEROLD & C.ª — Lisboa ou Porto, que tem 2 agronomos e um chimico ao seu serviço para com as maiores garantias possiveis de bom exito poder indicar as adubações mais convenientes.

Um adubo muito bom pode ser improprio para uma certa terra. Um adubos quer seja caro, quer de preço muito baixo, pode representar em ambos os casos dinheiro completamente perdido quando mal applicado á cultura e impropriamente á natureza da terra.

CASA

Vende se uma morada de casas com altos, baixos e cavallariça, na rua do Tenente Couto. Quem pretender dirija-se a esta redacção.

O DIJESTIVO ROIVIN

Cuja efficacia é universalmente reconhecida, pode considerar-se, hoje, como o remedio soberano por excellencia nas enfermidades chronicas e agudas do ESTOMAGO e do INTESTINO. Uma caixinha com 30 obreias que levam gravado o nome DIGESTIF ROIVIN representa um tratamento completo, sendo superior a qualquer outro remedio e dando melhores resultados que uma duzia de garrafas de agua mineral adequada á doença que se quer combater. De venda nas principaes pharmacias — Deposito e venda por atacado: DIGESTIF ROIVIN: 7, Rue du Marché Saint-Honoré. PARIZ.

COFRE

Vende-se um á prova de fogo e uma armação de estabelecimento, tudo em bom estado. Trata-se com José Antonio da Silva, Tavira. 200

OFFICINA DE CANTEIRO

DE

Manuel Luiz Redondo

RUA DAS SALGADEIRAS, 40

AO CALHARIZ—LISBOA

EXECUTA-SE toda a variedade de modelos especiaes de jazigos, assim como todos os trabalhos em pedra respeitantes á arte.

Pedir desenhos ao representante em Tavira.

SERGIO AUGUSTO DE CAMPOS

Rua de Mau Fôro (163)

Adubo chimico

Alem das qualidades já conhecidas para sementeiras que costumam ter, têm mais umas qualidades apropriadas para vinhas e batatas que vendem até pequenas porções para experiencia. Mathias Peres Rojo & Irmão. 199

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

DE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

N'este estabelecimento fundado em 1882, existe um magnifico

DEPOSITO DE IMPRESSOS

para todas as repartições publicas e particulares.

Executam-se todos os trabalhos typographicos a ouro, prata, côres ou preto.

ESPECIALIDADE EM

BILHETES DE VISITA

ENCADERNAM-SE LIVROS

EM DIFFERENTES GENEROS

TUDO COM RAPIDEZ, PERFEIÇÃO E ECONOMIA

1, 3, 7—RUA NOVA PEQUENA—9, 11 E 13

TAVIRA

NOVIDADE LITTERARIA

Ludovico de Menezes

NO PAIZ DO SOL

2.ª parte: PERFIS

A' VENDA EM TODAS TABACARIAS DE FARO

A LUSITANA

COMPANHIA PORTUGUEZA DE SEGUROS

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Secção de Seguros de Vida — Capital 500:000$000 réis

Seguro em caso de morte — Vida inteira, temporario, mixto, combinado, praso fixo, monte-pio, surpervivencia, conjuncto, popular.

Seguro em caso de vida — Capital diferido; rendas vitalicias, immediatas, diferidas e temporarias.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente—Conselheiro Antonio Teixeira de Sousa.

Vogaes — General Augusto Eugenio Alves e dr. Arthur de Carvalho Ravára.

CONSELHO FISCAL

Presidente—Francisco da Conceição Silva.

Vogaes—Conde de Caria e Conde de Verride.

DIRECÇÃO TECHNICA

Actuario, Dr. Antonio dos Santos Lucas, lente de mathematica da Escola Polytechnica—*Medico-chefe*, Dr. Augusto Lobo Alves, medico dos hospitaes de Lisboa.

SEDE DA COMPANHIA—LISBOA .Augusta, 69, 2.º N.º Telephonico, 1969

Officina de canteiro e escultura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) **Faro**

COROAS

Coroas funebres em todos os tamanhos desde 1$500 até 15$000 réis.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

O Piolho nos Favaes

COMBATE-SE com uma mistura de 1 kilo de Arseniato de Chumbo em 125 litros de agua. Agitar sempre bem antes de empregar e applicar por meio de pulverisador no principio da invasão.

O Arseniato de Chumbo vende-se na casa O. HEROLD & C.ª, Lisboa — 14, Rua da Prata e Porto—25, Rua da Nova Alfandega, (minimo 5 kilos a 480 réis cada um).

Quantidades inferiores áquella á venda nas principaes drogarias.

JULIO DINIZ:

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

GRANDE EDIÇÃO DE LUXO

Mostra-se e assigna-se no estabelecimento de JOSÉ MARIA DOS SANTOS—TAVIRA.

ANTONIO CERQUEIRA

E

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

ADVOGÁDOS

Rua do Ouro, 149, 2.

LISBOA